



O CICLO DO MARABAIXO EM MACAPÁ E A IGREJA CATÓLICA ROMANA: CONFLITOS, IDEOLOGIAS E SINCRETISMO RELIGIOSO

THE CYCLE MARABAIXO IN MACAPÁ AND THE ROMAN CATHOLIC CHURCH: CONFLICTS, IDEOLOGIES AND RELIGIOUS SYNCRETISM

Ilton Cruz ALVES¹; Lilian. G. Rodrigues LOBATO²; Marilda Leite PEREIRA³ e Ricardo Soares NOGUEIRA^{3*}

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Professor da Rede de Ensino Básico do Governo do Estado do Amapá. e-mail iltonil@hotmail.com

² Graduada em Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá-AP, Brasil. e-mail: lilianlobato@hotmail.com

³ Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (Ifap). Rod. BR 210, km 03 s/n Bairro Brasil Novo, 68909-398. Macapá-AP, Brasil. e-mail marilda.pereira@ifap.edu.br

* Autor para correspondência e-mail ricardo.nogueira@ifap.edu.br

INF. ARTIGO

RESUMO

Recebido: 20 Jul 2014

Aprovado em: 07 Set 2014

Publicado em: 03 Out 2014

Editor: V. H. G. Sales

jbfs@ifap.edu.br

ID JBFS0062014

Prot. 0062014ED01

Copyright: © 2014

JBFS all rights (BY NC SA)

O presente artigo analisa o sincretismo religioso no Ciclo do Marabaixo na cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá. Contextualiza-se historicamente o surgimento do Marabaixo e descreve-se o seu conceito, práticas e a relação com a Igreja Católica Romana e as religiões de matrizes africanas. Identificam-se os fatores que contribuíram para que o marabaixo se consolidasse como expressão da identidade negra amapaense e problematizam-se as dificuldades atuais de preservar e difundir esta manifestação cultural no estado e no restante do Brasil.

Palavras-chave: *Sincretismo, religiosidade, Marabaixo, Cultura.*

ABSTRACT - This paper examines the religious syncretism of the so-called "Marabaixo Cycle" in the city of Macapá, state capital of Amapá, Brazil. It historically contextualizes the emergence of the Marabaixo and describes its concept, practices and relationship with the Roman Catholic Church and African religions, identifying the factors that contributed to its consolidation as an expression of black identity in Amapá. The article also problematizes the difficulties in preserving and disseminating this cultural event in the state and the rest of Brazil

Keywords: Syncretism, Religiousness, Marabaixo, Culture

Como referenciar esse documento (ABNT):

ALVES, I. C.; LOBATO, L. G. R.; PEREIRA, M. L.; NOGUEIRA, R. S. O ciclo do Marabaixo em Macapá e a Igreja Católica Romana. *Journal of Bioenergy and Food Science*, Macapá, v.1, n. 2, p.57-60, jul. / set. 2014.

INTRODUÇÃO

A problemática que motivou essa pesquisa foi a necessidade de compreender o sincretismo religioso presente no Ciclo do Marabaixo, analisar de que forma essa prática contribui para a formação da identidade da população afrodescendente e para o patrimônio cultural do Amapá. Deste modo este estudo quer servir de base teórica para outras pesquisas e também ser fonte de informação para a formulação de políticas

públicas que venham beneficiar as comunidades envolvidas nessa grande manifestação social, cultural e de fé.

A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica e de campo com aplicação de questionário e registros de imagens, áudio e vídeos, todos arquivados no banco de dados do GPRHUM e nos relatórios mensais da pesquisa que estão disponíveis através da PROPESQ/IFAP. Espera-se que este trabalho possa contribuir para uma melhor compreensão da prática do Marabaixo

em Macapá enquanto atividade religiosamente sincrética, e possa refletir sobre a importância dos fenômenos religiosos e das culturas tradicionais para a formação da identidade de um povo.

CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO MARABAIXO

Os registros históricos revelam que os primeiros escravos africanos chegaram ao Amapá no início do século XVII trazidos por diversas rotas de comercialização para, dentre outros objetivos, defender e fortificar as fronteiras brasileiras. Nesse contexto, sua mão de obra foi utilizada na construção da Fortaleza de São José de Macapá para impedir a invasão de holandeses, ingleses e principalmente franceses. Além destes, aportaram no município de Mazagão, várias famílias negras refugiadas das guerras travadas no norte da África entre mouros e cristãos.

A maior expressão deste encontro é o Marabaixo, no qual os negros, em meio a todas as condições adversas, descobriram na música e na dança uma forma de afirmarem sua identidade. Suas músicas, repletas de imagens e sentidos que remontam a um passado distante, foram reelaboradas a partir das influências locais, advindas, sobretudo, do catolicismo popular.

A partir de 1943 com a criação estratégica do Território Federal do Amapá com o objetivo de proteger e defender as áreas consideradas de segurança nacional, a prática do marabaixo sofreu uma significativa mudança. O então presidente da República Getúlio Vargas nomeou o Capitão Janary Nunes como Governador do Território do Amapá, que chegou à Macapá em 1944 seguindo o programa de desenvolvimento baseado no lema: "sanear, educar e povoar". Adepto das teorias que difundiam a ideia de que o branqueamento era sinônimo de progresso, Janary Nunes iniciou o processo de urbanização, deslocando os negros da parte compreendida pelo Largo de São Sebastião, Formigueiro, Largo de São João, e a Vila de Santa Engrácia para áreas mais distantes da cidade. Dessa forma, o ciclo do Marabaixo que até então era realizado de forma unificada na capital Macapá, dividiu-se e passou a ser realizado no Laguinho e no Santa Rita (Favela), pelo Mestre Julião Ramos e Dona Gertrudes Saturnino, respectivamente, de acordo com CANTO (1998).

Quanto à origem do termo, ligar-se-á, por acaso, às longas e dramáticas travessias do Atlântico, ao léu das correntes marinhas e dos ventos alísios, para o regime de trabalho escravo,

ou como uma expressão portuguesa de abandono e de desgraça? Há relatos também de que o termo tenha surgido após uma homenagem feita com toques de caixas a um poeta negro que faleceu durante uma viagem da África ao Brasil e que não havendo como enterrá-lo, seus companheiros jogaram seu corpo ao mar a baixo, pois segundo as crenças africanas o mar era bento e o corpo do poeta estaria protegido. Em meio a esta diversidade de teorias, não é possível chegar a uma definição precisa sobre o significado etimológico do termo.

O SINCRETISMO RELIGIOSO NO CICLO DO MARABAIXO

Gilberto Freyre (1998) defende que a formação social do Brasil girou em torno da casa-grande, onde se criou condições para a estruturação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. Nesse contexto, a religião desempenhou papel essencial na imposição das ideologias da classe dominante, porém, esta imposição esbarrou na resistência dos indígenas e negros que desenvolveram estratégias para praticarem seus cultos e manifestarem suas crenças sem serem perseguidos. Portanto, quando se pensa na prática do Marabaixo, logo se associa a sua prática ao sincretismo religioso, que surgiu do encontro entre as religiões de matriz africana trazidas pelos negros escravizados e refugiados da África, com o catolicismo romano difundido durante colonização portuguesa.

São muitas as evidências que caracterizam a presença do sincretismo religioso no ciclo do Marabaixo, pois, ainda que fosse uma prática vinculada exclusivamente a Igreja Católica Romana como defendem alguns integrantes de grupos de Marabaixo, já se configuraria com uma atividade religiosamente sincrética, tendo em vista que o catolicismo romano foi fortemente influenciado pelo paganismo greco-romano. Os santos católicos são produtos e instrumentos de uma contínua adaptação da cristandade às culturas com as quais foi se relacionando e disputando a hegemonia, pois assim como o politeísmo grego apresentava vários deuses protetores, o catolicismo romano inseriu os santos como protetores de várias causas. Outro aspecto relevante também presente na liturgia é o uso de cores e do calendário do ano litúrgico que seguem o calendário gregoriano e não o Justiniano, dando resultado em um Ciclo Litúrgico dentro do ano civil que obedece a

práticas e preces que misturam uma religião com traços bem marcados de sagrado e profano.

No sentido inverso, o culto católico aos santos foi utilizado pelos escravos africanos trazidos ao Brasil e transmitido aos seus descendentes como mecanismo para praticarem suas crenças sem sofrerem repressões e perseguições. Através de um processo sincrético, os escravos associaram cada santo católico a uma divindade africana e continuaram a realizar seus cultos tradicionais com a permissão dos líderes da Igreja Católica Romana sob uma ritualística aparentemente católica, desde que fossem submissos ao bispo de Roma.

Ao acompanhar o ciclo do Marabaixo puderam-se observar reflexos da influência do catolicismo romano e das religiões de matriz africanas nas cantigas em louvor ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade; na licença e proteção pedida aos Orixás da Natureza pelos grupos de Marabaixo ao adentrarem no interior da mata do Curiaú para o corte do tronco da árvore que serviria como mastro na homenagem aos santos, e na raiz da erva (gingibre) com que é feita a bebida típica (gingibirra), que segundo o dicionário de Cultos Afro-brasileiros (CACCIATORE, 1988, p. 131) se trata de uma erva cuja raiz é utilizada em bebidas de preferência de alguns orixás e entidades guias.

Fernando Canto (1998) conclui que os conflitos na relação entre a Igreja Católica Romana e o Marabaixo, em meados da década de 40 do século XX, podem ter contribuído para o enfraquecimento desta tradição, e conseqüentemente para a negação das influências das religiões de matrizes africanas, na medida em que a Igreja tentou extirpar gradativamente as referências culturais africanas através de um discurso moralista e ideológico para que sua hegemonia pudesse prevalecer.

O ciclo do Marabaixo

Denomina-se Ciclo por ser uma versão profana do Ciclo Quaresmal e apresenta um grave erro teológico ao celebrar a Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo como entidades distintas, contradizendo o mistério teológico do Deus Uno e Trino. O ciclo do Marabaixo é praticado na cidade de Macapá e inicia após a Quaresma, no sábado de aleluia (Vigília Pascal) e termina no domingo após *Corpus Christi*, conhecido como domingo do

Senhor (derrubada do mastro) quando é escolhido o festeiro do ano seguinte.

Antigamente, as famílias se disponibilizavam em realizar o festejo para cumprir alguma promessa após alcançarem uma benção, entretanto, atualmente a realização do ciclo do Marabaixo depende de investimentos do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal, além das apresentações de alguns grupos estarem condicionadas ao pagamento de cachês, fato este que acaba reduzindo as manifestações culturais às relações estritamente comerciais e dificultando assim o fortalecimento e difusão desta tradição.

As festas homenageiam o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade. Dois mastros são enfeitados com uma erva aromática chamada murta e posteriormente são erguidos com bandeiras estampadas com as imagens. No intervalo entre o levantamento e o derrubamento do mastro, as atividades do ciclo, dividem-se em duas partes: A religiosa e a profana, segundo a perspectiva do catolicismo romano.

A primeira compreende as missas, oferendas, promessas e dezoito ladainhas rezadas em latim popular, sendo nove em homenagem à Santíssima Trindade e nove em homenagem ao Divino Espírito Santo. A segunda parte envolve as danças, cuja coreografia é composta por movimentos corporais relativamente simples, mas cheios de significados que remetem aos passos acorrentados dos negros escravizados. As cantadeiras ficam no centro do barracão, acompanhadas pelos tocadores de caixas (instrumentos de percussão) e rodeada por dançadeiras e dançadores - crianças, jovens, adultos e idosos - que contagiam a todos com sua alegria estonteante, tudo regado a muito cozidão e gengibirra.

As cantigas de Marabaixo são compostas por versos conhecidos como "ladrões", pois um participante rouba a deixa do outro e a partir do mote roubado, de forma improvisada, compõe novos versos que satirizam, exaltam, denunciam, criticam, relata romances, dissabores, sofrimentos, felicidade, enfim, as vivências da comunidade negra do Amapá.

Uma constatação feita ao decorrer das observações *in loco* do ciclo do Marabaixo é que grande parte da população amapaense está alheia e indiferente a esta forma de expressão da sua identidade cultural, como se observou nas apresentações abertas à população que adentram a madrugada. Assim, tendo em vista que quem

acompanha este evento são majoritariamente os grupos festeiros de marabaixo da capital Macapá, autoridades políticas ou seus representantes e pesquisadores. A esmagadora maioria dos amapaenses não reconhece sua história retratada nos elementos e simbolismo do Marabaixo.

O ciclo do ano 2013 foi marcado pelo retorno da prática do Marabaixo ao interior da Igreja de São José, pois na metade do século passado, o padre Júlio Maria Lombaerd, proibiu as manifestações de Marabaixo dentro da catedral, por considerá-las profanas e imorais. Esta reaproximação entre a Igreja Católica Romana e o Marabaixo representa um resgate histórico e reflete a necessidade e a importância de se estabelecer um diálogo inter-religioso, sem imposições de ideologias e tentativas de dominação de uma prática religiosa sobre as outras, como também demonstra um interesse pela inculturação.

O Marabaixo, enquanto expressão das necessidades imediatas dos africanos em busca de conforto é uma autêntica manifestação de fé, exteriorização de crenças e afirmação da identidade negra, e reflete os entrecruzamentos e sincretismo provocados pelas relações estabelecidas com a Igreja Católica Romana em um contexto de lutas, influências, imposições das ideologias dominantes para exploração e controle das classes dominadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa contribuiu para uma melhor compreensão das atividades do Ciclo do Marabaixo em Macapá, considerando os aspectos políticos, antropológicos, históricos, educacionais, religiosos e culturais envolvidos nesta prática.

A partir do acompanhamento *in loco*, concluiu-se que a divulgação desta manifestação cultural apenas em situações pontuais como no ciclo e no dia do Marabaixo, e na semana da consciência negra, resultou na falta de conhecimento e indiferença da maioria dos amapaenses, comprometendo a difusão desta cultura e demonstrando a necessidade de incluir estudos étnicos raciais no currículo escolar, trabalhando de forma interdisciplinar em um diálogo com os mais variados campos do saber, praticando de forma efetiva o que preconiza a lei 10.639/03 e revertendo a lógica que reduziu os negros a meros objetos nas aulas de história, de modo a reproduzir a ideologia eurocêntrica e a atender fatores socioeconômicos, políticos, ideológica e cultural.

Torna-se necessário e urgente desenvolver um projeto educacional pautado na diversidade étnica e cultural do Brasil e, mais especificamente, do Amapá. É de extrema importância, por parte dos discentes, o reconhecimento da cultura afrodescendente como constituinte e formadora da sociedade brasileira, sociedade na qual os negros possam se reconhecer como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as idéias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura e as religiões de matrizes africanas.

Também se ressalta a contribuição do GPRHUM para pesquisa amapaense uma vez que este estudo é resultado das atividades do período de Novembro de 2012 a Outubro de 2013, dentro da linha de pesquisa 'Religiosidade nas Comunidades Tradicionais', cujo objetivo foi apresentar uma visão interdisciplinar e crítica, próprias da Filosofia da Religião, para o fenômeno sociocultural das indagações dos membros do Grupo de Pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 10.639/03**. Estabelece o Estudo da História e Cultura Afro-Brasileira. Presidência da República. Brasília-DF.

CANTO, Fernando. **A Água Benta e o Diabo**. 2ª ed. Macapá: Fundação de Cultura do Estado do Amapá (FUNDECAP), 1998.

CACCIATORE, O.G. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 3.ed.Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1988.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 34ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

MONTEIRO, Danniela Patrícia da Silva. **Entrevista concedida a Ilton da Cruz Alves**, pesquisador do GPRHUM (gravada). Macapá: 2012.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo: dança afrodescendente**. Fortaleza: edições UFC, 2009.